



UM DIÁLOGO HUMANIZADOR COMO PROCESSO EDUCATIVO PARA UMA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL E UNIVERSAL

Cristina Serafim Torres

Faculdade Fortium / oficialcristina@hotmail.com

Jaqueline Fonseca Rodrigues

Faculdade Projeção / Jaquelinefrodrigues@hotmail.com

A perspectiva desse artigo visa trazer uma reflexão sobre o papel da educação e do processo educativo na formação dos sujeitos na contemporaneidade, definida para uma nova ordem social. Propondo-nos um diálogo como forma de educar, cujos objetivos estão inseridos em uma prática educativa para a valorização das diferenças sociais e culturais. Essas, firmadas nos valores humanos: do amor, da virtude, da ética, do caráter e do respeito. Tal entendimento passa a ser relevante quando se pensa no papel da educação na transformação da sociedade para o século XXI. A teorização desse estudo foi construída por meio de uma pesquisa bibliográfica, e referendada pelas premissas de Freire, Charlot e outros. A metodologia adotada foi a pesquisa qualitativa por constituir sua base em dados subjetivos. Os resultados direcionam e sinalizam para mudanças de paradigmas nos processos educativos que impossibilitam enxergar a complexidade do real e nos remete para concepções individualistas de ser humano, de escola, de professor, de conteúdo, de processo de ensino-aprendizagem e de avaliação, que nos impedem de termos uma sociedade democrática e plural. O que retoma a discussão sobre um novo modelo de educação. Afinal, a humanidade está cercada pelas crises éticas, humanas e sociais. Dialogar passa a ser um instrumento para uma vida plena e feliz. Conclui-se que é preciso romper com barreiras e conscientizamo-nos para um modelo de educação que nos permite direcionar para uma prática humanizadora e para um grande desafio que é formar cidadãos para uma nova identidade social e cultural.

Palavras chave: diálogo, processo educativo e educação intercultural.

INTRODUÇÃO

Esse estudo visa refletir sobre o papel da educação e do processo educativo por meio do diálogo para uma educação intercultural e universal, que atenda seu objetivo



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

primário a valorização das diferenças através de uma prática educativa firmada nos valores humanos. A educação em seu marco histórico e cultural quase sempre foi vista em uma perspectiva formal, estrutural e funcional, atrelada a uma visão institucional. Cujos objetivos viessem a repercutir no próprio ser humano, no trabalho e na família, para a realização de uma vida plena e feliz. Freire (2014), afirma que dialogar sobre educação pode ser um processo educativo libertador ou opressor. Nesse intento, se estabelecia um ideário de homem e sociedade, além de uma formação para uma realidade simétrica e para a construção de um pensamento uniforme, cujos processos educativos estivessem voltados para a homogeneidade de ensino, de professores, de alunos e de escola.

Na contemporaneidade, modifica-se o cenário de educação, de ensino, de professor, de aluno e de escola. Tudo passa a ser mais amplo e complexo. Afinal, a vida em sociedade passou a requerer não só uma dimensão social e intelectual, mas, moral, ética, plural e intercultural. Farias (2006, p.31) expressa: “o mundo está mudando, as regras do jogo não são as mesmas”. Nisso, o ambiente escolar não pode ficar alheio a esses processos, pois as mudanças são humanas, históricas e sociais, para além de uma visão institucional, meramente técnica e formal.

Então, eclode um movimento de renovação educacional. Clama-se por uma nova ordem social. O que implica em uma nova cultura não para a ordem, mas para a desordem, não para a igualdade, mas para a desigualdade, não para o individual, mas para o coletivo, não para o específico, mas para o universal, não para a separação, mas para a globalização. O que vem caracterizar uma diversidade cultural e um processo dialético do histórico-social. Nessa perspectiva, Morin (2011, p.63) vislumbrou:

A complexidade da relação ordem/desordem/organização surge, pois, quando se constata empiricamente que fenômenos desordenados são necessários em certas condições, em certos casos, para a produção de fenômenos organizados, os quais contribuem para o crescimento da ordem.



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

Vivem-se tempos difíceis, confusos e turbulentos, os quais os temas gerados e expostos se contradizem diariamente. Engel (1992) como filósofo tinha em sua mente: os movimentos contraditórios nos põem diante da verdade e da realidade. Nesse esteio dialético, Charlot (2013) declara que as contradições permeiam o universo escolar na contemporaneidade e deve-se atender a novas demandas sociais. Farias (2006, p.33) a respeito das contradições utiliza o termo: “socialização divergente” para retratar a pluralidade cultural que o mundo está imerso. Freire (2014) argumenta que o mundo das contradições faz com que tenhamos-nos posições de estagnação ou de mudanças. Há quem diga que não há lógica nessa problemática. Claro, que a complexidade do universo, das relações humanas, do pensamento moderno demanda novas atitudes frente às novas pressões sociais. Torna-se importante uma postura intencional e renovadora como legitimação de mudanças e, muito mais, de avanço para compreender e encarar as novas identidades sociais e culturais seja de ordens internas, bem como, de ordens externas da vida em sociedade.

Portanto, os constantes conflitos e dilemas que a humanidade tem vivenciado faz surgir novos sistemas que são muitas vezes construídos e reconstruídos ao mesmo passo, por não compreender que a vida escolar é um processo educativo vivo e permanente, porém, jamais se dissocia da vida humana e das conexões e interfaces do mundo moderno. O que nos faz refletir e rever conceitos de educação, de ser humano e, de práticas educativas segregadoras que estejam alheias e indiferentes aos valores humanos sejam eles: das diferenças, da dignidade humana, da cidadania, do respeito ao próximo, da universalização dos saberes, da aprendizagem significativa, dos sentidos, das atitudes, das virtudes e das responsabilidades.

A resignificação da prática educativa pressupõe que as justificativas que levam o sujeito à ação sejam alteradas, implicando mudanças alicerçadas em razões intrínsecas, em novos valores e crenças, o que acontece somente “caso as pessoas sejam levadas a perceber o valor daquilo que está sendo proposto e a sentir que seus pressupostos já não estão mais confirmados pela realidade (TEIXEIRA, 1998, p.146)

Inclina-se para a centralização de um novo pensar, agir, fazer, e também, para os novos sujeitos sociais. E nesse intento, reafirma Moreira (1999) remodelamos a prática



educativa a partir de uma nova maneira de pensar e de um novo modelo de aprender e novos paradigmas de mudanças. O que redimensiona a educação e o currículo para um diálogo entre culturas e para práticas não discriminatórias. Fala-se em um educar para a vida e não apenas para o trabalho e para a família. Segundo Freire (2014) não se faz educação sem diálogo, pois é uma condição existencial para o ser humano. Para ele, o diálogo é incompatível com aquele que se acha autossuficiente e o nosso papel é dialogar sobre a sua e a nossa visão do mundo, como prática educativa. Charlot (2013) segue dizendo o que descreve de fato a pessoa é a sua forma de se relacionar com o mundo, com os outros e consigo mesma.

Desse modo, a educação para mudar requer certos princípios norteadores como:

[...] uma mudança de atitude, uma renovação do fazer pedagógico, uma ressignificação teórico-prática do modo como os professores pensam e agem. Essa transformação não ocorre no vazio nem opera apenas no plano individual e muito menos através de ações fragmentadas (FARIAS, 2006, p.48).

[...] em tempos de choques culturais e intolerância crescente quanto àqueles percebidos como “diferentes”, a educação e a formação de professores não podem mais se omitir quanto à questão multicultural. Narrar nossas experiências, dialogar com movimentos sociais e com práticas efetivadas nessa linha, bem como incrementar nossas pesquisas sobre pedagogias multiculturalmente comprometidas são, sem dúvida, alguns caminhos promissores para a concretização do ideal multicultural no currículo em ação (CANEN E OLIVEIRA, 2002, p.73-74)

Diante das transformações estruturais e culturais dessa nova sociedade, busca-se humanizar alunos, docentes e comunidades escolares. Nessa intenção Aguiló (2014) corrobora dizendo que a educação deve-se comprometer a criar homens capazes de pensar de maneira positiva e para o bem, educando-os e formando-os em um caráter cuja virtude se estabelece na verdade, na moral, na sinceridade, na afetividade, na coragem, na humildade, além de ter como objetivo, não só a efetivação dos saberes escolares, mas a humanização dos sujeitos que integram a vida em sociedade.

A concepção de Freire (2014) segue o mesmo percurso quando diz que é impossível falar sobre ser humano sem refletir sobre educação. Parte-se da premissa que ela é o sustentáculo para a constituição, a formação, o desenvolvimento do indivíduo e



das inter-relações sociais e escolares. Para Martinelli (1999) o conhecimento é produto das inter-relações dos valores, da família, da escola e da sociedade que se encontra em um diálogo permanente. Morin (2008) reitera e defende uma “cultura que nos permita compreender nossa condição e nos ajude a viver em sociedade.

Nessa perspectiva de educação e de uma prática educativa sensível entendida como processo e não como ato, são fortalecidas as relações através de um diálogo humanizador como forma de salvar a humanidade diante das barbáries entre os povos, raças, culturas e etnias. A partir dessa análise, surgem algumas inquietações que nos levam as seguintes perguntas: Qual o papel da educação frente às novas demandas sociais e planetárias? Como os processos educativos podem transformar escolas, ensino, professores e alunos na contemporaneidade? Que tipo de cultura tem permeado o universo escolar? Comenius no século XVII já dizia que a escola deverá ser uma oficina de humanidade.

A RETROSPECTIVA E A PERSPECTIVA ATUAL

Ao longo da história muito foram os marcos em contextos específicos que evidenciavam o tipo de educação que regia determinada época e sociedade, e também, a forma de se reconhecer que um determinado saber era repassado. Entretanto, a educação testemunha sua própria história e traz sua herança. Hoje, os marcos representam passagens, ou seja, travessias para um conhecimento válido, que vai além do estabelecido ou prescrito. A sociedade do conhecimento carece muito mais do que uma formação intelectual, e sim, uma formação humanística e ética. Que seja capaz de excluir os preconceitos, promover novas experiências a partir do real, reconhecer novas identidades e integrar novas culturas, além, de construir novas propostas de viabilização dos valores humanos. Freire (2014) trazia em seus escritos sobre a magnitude das virtudes que representam os valores de uma educação humanizadora como: o amor, o diálogo, a humildade e o caráter. Pode-se citar, ainda, a paz, a alegria, a honestidade, a moral e o respeito às diferenças. Esses valores passam a ser um dever não só do educador, mas, de toda comunidade escolar na contemporaneidade.



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

Educar é trazer a vida, a susceptibilidade humana, a intrepidez, a força, a valentia e a maestria da sabedoria, sobretudo, entre os que têm sua humanidade roubada. Segundo Cardoso (1995, p.56), o ato de aprender é fundamentalmente:

Um processo de conhecimento em busca da realização plena do homem, no sentido ético único, que em linguagem comum chamamos felicidade. Ser feliz e celebrar a vida é sentir-se em comunhão com todos os seres na experiência da vida-e-morte. Na abordagem holística, a aprendizagem implica em mudanças de valores. A aprendizagem é uma conversão. A compreensão do universo só tem sentido ético se levar o homem a uma maior compreensão de si mesmo ...O saber para poder é meio, o saber para ser é o fim.

A interculturalidade crítica como ferramenta pedagógica que questiona continuamente a racialização, subalternização, inferiorização e seus padrões de poder viabiliza maneiras diferentes de se viver e saber, e busca o conhecimento e a criação de compreensões e condições que não só articulam e fazem dialogar as diferenças num marco de legitimidade, dignidade, igualdade, qualidade e respeito, mas que – ao mesmo tempo – alentam a criação de modos “outros” de pensar, ser, estar, aprender, ensinar, sonhar e viver que cruzam fronteiras (WALSH, 2009, p.25).

Enfim, é por meio dos valores humanos que temos qualidade de ensino e, também, melhoria na educação. Para Martinelli (1999, p.17) “os valores integram o conhecimento, a família, a escola, e a vida em sociedade, vinculam o ensinamento ministrado na escola às circunstâncias da vida construindo uma consciência da ética e da estética do bem. Afirmo Moran:

Nosso desafio maior é caminhar para um ensino de qualidade, que integre todas as dimensões do ser humano. Para isso, precisamos de gestores e professores que façam essa integração em si mesmos, que sejam pessoas interessantes, abertas, proativas, afetivas e éticas, que transitem de forma fácil entre o pessoal e o social, que expressem nas suas palavras e ações que estão sempre evoluindo, mudando e avançando (2013, p.24).

Portanto, o ser humano deve ser entendido como sujeito único e irrepetível, constituído em sua tridimensão: biológica, cognitiva e espiritual (AQUINO; DAMÁSIO; SILVA, 2010). E a escola e o currículo na atualidade, devem integrar os alunos em espaços de diálogo, envolvimento, questionamento em dimensões antropológicas, sociológicas, econômicas, psicológicas e pedagógicas. Nesse esteio, em uma visão de mundo, a escola e a sociedade tem o dever de ajudar os homens a serem felizes e humanos por completo.



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

Diante dos fatos, a escola e os professores são articuladores responsáveis na adoção de medidas de alteridade e, até mesmo de afastamento de mecanismos de injustiças e dominação social, o que há muito tempo foi defendido por Paulo Freire (2014). Para que o trabalho pedagógico venha conjugar com o direito normativo de acesso e permanência na escola, e não apenas traduzir em rankings comparativos de resultados e níveis estatísticos para uma política de compensação. Claro, que no passado existiu uma lacuna, a qual massificou as desigualdades sociais, culturais e discriminou uma parcela da minoria. Ferreiro (2001) coloca a seguinte questão: estamos agora vendo uma aceleração na história. Nisto, contamos com a presença marcante do professor, como mediador e agente transformador, o qual participa e colabora no processo educativo formativo. No entanto, para mediar é preciso ensinar a diversidade, trazer a consciência os elementos da vida, criar experiências positivas para o futuro, fazer entender o porquê das ações e dos comportamentos, explicar os valores das boas condutas e dos bons exemplos (TÉBAR, 2011). Nesse sentido, tanto a educação quanto o professor necessitam gerar novas identidades, que só terá validade na medida em que responderem às questões sociais urgentes e atemporais. Como bem analisa Fullan (1991) a mudança só acontece na educação quando os docentes pensam sobre o que fazem. Nesse viés:

Isso solicita do professor uma constante atitude crítica de interrogação, um pensamento sistemático e articulado sobre as propostas de ação que deve desenvolver, sua pertinência e repercussão nas situações-problemas às quais se destinam, bem como o significado e modo de concretização. Tudo isso requer que o professor mobilize sua capacidade cognitiva, criativa e afetiva como estratégia que lhe permita aprender de modo contínuo, redimensionando suas crenças e renovando seus saberes e práticas (FARIAS, 2006, p.77).

Trata-se de um grande desafio e de uma perspectiva de escola e de um currículo atual e integrador, que saiba demandar por novos caminhos e que permita afastar a luta da hegemonia entre as classes dominadoras e dominadas. Questões que vão além de ideologias e de processos educativos capitalistas. Sabendo-se que é no interior das escolas que se estabelecem novos processos educativos e que se inauguram pontos de partida que visa responder questões para uma nova ordem e nova realidade social, dentro de um



ideário que incluem a diversidade e a dignidade humana como um direito universal. Que permite dialogar com uma educação intercultural e de inclusão que valorize as diferenças culturais e, diga não a violência ou qualquer tipo de manifestação de preconceito. Ademais, tem se manifestado no dia a dia nas escolas, dentro de sala de aulas, nas ruas, nas praças, nos meios televisivos e por toda parte do mundo, situações de extrema balbúrdia e violência. Desse modo, urge uma visão intercultural que se refere a:

Um enfoque que afeta a educação em todas as dimensões [...] A interculturalidade orienta processos que têm por base o reconhecimento do direito à diferença e a luta contra todas as formas de discriminação e desigualdade social. Tenta promover relações dialógicas e igualitárias entre pessoas e grupos que pertencem a universos culturais diferentes, trabalhando os conflitos inerentes a essa realidade. Não ignora as relações de poder presentes nas relações sociais e interpessoais. Reconhece e assume os conflitos procurando as estratégias mais adequadas para enfrentá-las (CANDAU E KOFF, 2006, p.102).

AVALIAR PARA MUDAR E QUEBRAR PARADIGMAS

Avaliar passa ser um conceito basilar para que se revejam conceitos e mudanças de paradigmas. O que se torna determinante na cultura vigente. Entretanto, sabe-se que não é algo simples e, geralmente, resulta em comportamentos ou ações resistentes. Isso, no campo da educação, das relações humanas, das relações sociais e frente à sociedade atual.

Sabe-se, que nem todos os seres humanos são tocados pelo desejo de transformação e mudança. Para Craig (1991) a fragilidade nas relações interpessoais e a intolerância às mudanças são características do ser conformista, o que leva à fuga das responsabilidades, além de negar e trair a sua própria consciência. Sobre o conformismo Frankl (2003) afirma que nos transforma em um ser sem vida e sem iniciativas, estagnado nas suas crenças, filosofias e ideologias. Para os conformistas, o novo traz uma parcela de insegurança e medo. No entanto, passa a ser normal quando compreendemos o homem como um ser incompleto e inacabado (FREIRE, 2014).

Asmann (1998) argumenta que os educadores se colocam em desafio constante para superar o conformismo e o pessimismo somados à presença do paradigma do



individualismo da sociedade moderna, que tem afetado a condução das pessoas e o processo de ensino e aprendizagem de forma assustadora. Sendo assim, o universo escolar necessita de uma prática social aliada a experiências significativas e criativas que rompam definitivamente com os conflitos de identidades. Essa questão é problematizada: “o ser humano vive numa sociedade inexaurível, tecnicista, massificante, dominante e alienante que, por meio de uma lavagem cerebral”, oprime e marginaliza, afetando a orientação ao sentido, de modo individual ou até mesmo grupal” (Xausa 1986, p.15).

Consideração essencial que objetiva a quebra de paradigmas conformistas e pessimistas. E para inserção de novos princípios que propiciem uma nova cultura escolar e docente, bem como, uma transformação humana e social na contemporaneidade.

METODOLOGIA

A metodologia construída para este estudo foi por meio de uma pesquisa qualitativa devido à complexidade e à subjetividade que abarca o tema. Considera-se que essa, não se apresenta como uma proposta rígida em sua forma e estrutura. Em decorrência disso, exploram-se novos enfoques, novas situações e novas vivências. Portanto, permite-se observar e analisar as culturas, os fenômenos, as crenças e os valores, que estão imersos, ou, estão emergindo no contexto histórico e social, e que na mesma medida, estão sendo interpretados na realidade vigente (LAKATOS & MARCONI, 1993). Para tanto, foram delineadas concepções teóricas de diversos autores, os quais fundamentam a pesquisa bibliográfica em uma perspectiva intercultural e universal na contemporaneidade.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Os resultados encontrados direcionam e sinalizam para mudanças de paradigmas nos processos educativos que impossibilitam de enxergar a complexidade do real. E que



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

nos remete para concepções individualistas de ser humano, de escola, de professor, de conteúdo, de processo de ensino-aprendizagem e de avaliação. O que nos impede de termos uma sociedade democrática e plural. Trata-se de uma reforma e de uma mudança no pensamento (MORIN, 2011). O que retoma a discussão sobre um novo modelo de educação. Afinal, a humanidade está cercada pelas crises éticas, humanas e sociais. Dialogar passa a ser um instrumento para uma vida plena e feliz.

CONCLUSÃO

Conclui-se que é preciso romper com barreiras e conscientizamo-nos para um modelo de educação que compreenda os processos educativos como uma prática humanizadora e universal. Arelada a um grande desafio que é formar cidadãos para uma nova ordem e para uma nova identidade social e cultural. Enfim, a vida escolar não está dissociada e nem isolada do contexto mundial. Nessa dimensão, afirma-se e percebe-se cada vez mais a necessidade também de uma identidade institucional e de políticas públicas educacionais, cujas características estejam definidas para o compromisso com os valores humanos: do amor, da virtude, da ética, do caráter e do respeito. Além de repudiar qualquer forma de discriminação, pois o papel da escola não se limita a cumprir um currículo rígido e formal. Torna-se necessária uma mobilidade para a formação plena dos sujeitos nela inseridos. Devemos dizer não ao preconceito, à violência e até mesmo a morte. Afinal, como John Dewey proclamava: a educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILÓ, Alfonso. **Educar o caráter**. São Paulo: Quadrante, 2014.

AQUINO, Thiago Avelar de. DAMÁSIO, Bruno. SILVA, Joilson da (Orgs). **Logoterapia e Educação**. São Paulo: Paulus, 2010.

ASSMAANN, Hugo. **Reencantar a Educação Rumo à sociedade aprendente**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

CANDAU, Vera Maria. & KOFF, Adelia Maria. (2006). **Conversas com... sobre a didática e a perspectiva multi/intercultural.** In: CANDAU, Vera Maria (org.). Educação Intercultural e cotidiano escolar: RJ 7Letras, 209-222.

CANEN, A. & OLIVEIRA, A.M.A. (2002). **Multiculturalismo e currículo em ação: um estudo de caso.** Revista Brasileira de Educação, N.21, p.61-74. Rio de Janeiro.

CARDOSO, Clodoaldo Meneguello. **A canção da inteireza: Uma visão holística da educação.** São Paulo: Summus, 1995.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas.** São Paulo: Cortez, 2013.

CRAIG, R. J. **Entrevista clínica e diagnóstica.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

ENGELS, FRIEDERICH. **O Papel do Trabalho na transformação do macaco em homem.** Ed. Ridendo Castigat Mores, 1992, p. 22.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de. **Inovação, Mudanças e Cultura Docente.** Brasília: Liber Livro, 2006.

FERREIRO, Emília. **O mundo digital e o anúncio do fim do espaço institucional escolar. Educação – agenda para o século XXI.** Revista Pátio, Porto Alegre, ano4, n.16, p.9-18, fev/abr. 2001.

FRANKL, Viktor. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração.** 18ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FULAN, Michael. **The new meaning of educational change.** 2ª ed. London: Cassel Educationa, 1991.

MARTINELLI, M. **Conversando sobre educação em valores humanos.** 3ª ed. São Paulo: Petrópolis, 1999.

MORAN, José Manuel. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica.** São Paulo: Papirus, 2013.



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

MOREIRA, Adelson Fernandes. **Basta implementar inovações nos sistemas educativos?** Revista Educação e Pesquisa da Faculdade de Educação da USP, São Paulo, v.25, n.1, p.131-145, jan./jun.1999.

MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem Feita. Repensar a reforma. Reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo.** 4ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

TÉBAR, Lorenzo. **O perfil do professor mediador: pedagogia da mediação.** São Paulo: Editora Senac, 2011.

TEIXEIRA, Lúcia Helena Gonçalves. **Cultura organizacional e projeto de mudança em escolas públicas: um estado de escolas da rede estadual de Minas Gerais.** 1998. Tese (Doutorado em Educação) UNICAMP, Campinas, SP.

WALSH, Catherine. **Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-vover.** In: CANDAU, Vera Maria. Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. RJ: 7Letras, p.12-43,2009.

XAUSA, I. A. M. **A Psicologia do sentido da vida.** Petrópolis: Vozes, 1986. de Janeiro: 1995.